

Estratégias de relativização nas variedades lusófonas

(Relativization strategies in the lusophone varieties)

Roberto Gomes Camacho¹, Eli Nazareth Bechara²

^{1,2}Universidade Estadual Paulista (UNESP)

camacho@ibilce.unesp.br, bechara@ibilce.unesp.br

Abstract: This paper, which examines restrictive and non-restrictive constructions in the Lusophone varieties, assumes that Portuguese has a set of relativization strategies that are recognized by typological linguistics as constructions that define related groups of languages. Thus, it is possible that these different strategies, when employed by the same linguistic system, not really constitute variants of the same syntactic variable but the speaker's actual choices facing the necessity to perform different social and discursive functions.

Keywords: Functionalism; Typological Linguistics; Relativization Strategies.

Resumo: Este trabalho, que examina as construções relativas restritivas e não-restritivas nas variedades lusófonas, parte do princípio de que o português dispõe de um conjunto de estratégias de relativização que são reconhecidas na linguística tipológica como construções que definem grupos aparentados de línguas. Assim, é possível que essas diferentes estratégias, quando empregadas pelo mesmo sistema linguístico, não constituam realmente variantes de uma mesma variável sintática, mas escolhas reais do falante diante da necessidade de exercer diferentes funções discursivas e sociais.

Palavras-chave: Funcionalismo; Linguística Tipológica; Estratégias de Relativização.

Introdução

Keenan (1985) e Comrie (1989) reconhecem quatro estratégias usadas para codificar a modificação complexa realizada pela relativização, conforme o tipo de relação de correferência entre o núcleo e a variável relativizada: (i) de lacuna, (ii) de retenção pronominal, (iii) de pronome relativo e (iv) de não-redução.

O português dispõe da estratégia de pronome relativo ou variante padrão (1a) e duas outras alternativas não-padrão, que poderiam, talvez, ser ambas identificadas como variantes da estratégia de retenção pronominal, identificadas por Tarallo (1983) como relativa copiadora e relativa cortadora, respectivamente, conforme aparece em (1b-c).

- (1)
- a A **menina [de quem]** você gosta mora na casa da esquina.
 - b A **menina** que você gosta **[dela]** mora na casa da esquina
 - c A **menina** que você gosta **[ø]** mora na casa da esquina

Em trabalho em co-autoria, Keenan e Comrie (1977) propõem a Hierarquia de Acessibilidade (HA) das funções sintáticas relativizáveis, disposta em (2) com o objetivo de apreender a distribuição tipológica das possibilidades de relativização.

- (2) SU > OD > OI > OBL > GEN > OCOMP.

Da esquerda para a direita da HA, a relativização se torna mais difícil e mais restrita tipologicamente. Línguas que dispõem de mais de uma estratégia, como o português,

podem usar uma estratégia primária para as posições mais altas e uma secundária para as posições mais baixas. A estratégia de pronome relativo é usada mais frequentemente na relativização de relações gramaticais como a de sujeito e objeto, enquanto a de retenção pronominal se aplica a relações gramaticais como a de objeto indireto para baixo na hierarquia. O que não é atestado nas línguas é a situação inversa.

Quando se compara a estratégia de pronome relativo em (1a) com a estratégia copiadora em (1b), vê-se que esta é mais eficaz do que aquela nas línguas que a contêm, em virtude de licenciarem um conjunto muito maior de posições relativizadas da Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977). Esse é um tipo de motivação ao qual esse projeto, não necessariamente este artigo, pretende, no final, fornecer explicação adequada.

O objetivo específico deste trabalho, na atual fase de desenvolvimento do projeto, é tratar as estratégias de relativização do português com base em uma perspectiva funcional em que desponta o arcabouço da Gramática Discursiva Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008). Os dados de base foram recolhidos da amostra do Projeto Português Falado - Variedades Geográficas e Sociais, desenvolvido pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – CLUL (2009). Os materiais estão publicados em CD-ROM, com o apoio editorial exclusivo do Instituto Camões, sob o título *Português Falado - Documentos Autênticos: Gravações áudio com transcrição alinhada*, e se acham disponíveis no seguinte site da internet (2009): http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php.

Os dados de base sobre as relativas extraídas dessa Amostra compreendem um total de 1070 ocorrências, que foram estatisticamente processadas pelo pacote Goldvarb. Dado o quadro geral de ocorrências na Amostra, vale a pena lembrar que este trabalho se limita, no estágio atual da pesquisa, a uma descrição dos casos.

A análise das estratégias está organizada da seguinte maneira: trata-se, inicialmente, dos tipos semânticos e pragmáticos de relativas, fornecendo-se, desde já, uma interpretação funcional da representação subjacente delas em termos interpessoais e representacionais. Na sequência, trata-se da codificação morfossintática cuja descrição destaca a influência da Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977) e as diferentes estratégias usadas para a codificação da relativa.

Interpretação das relativas de acordo com o Nível Interpessoal e com o Nível Representacional

Segundo de Vries (2002), uma oração relativa está conectada ao material circundante por um constituinte pivô, que é semanticamente compartilhado tanto pela oração matriz quanto pela oração relativa. A noção de antecedente permite, já de saída, distinguir dois tipos básicos de oração relativa na Amostra – as relativas sem antecedente, também chamadas de livres (MATEUS et al., 1989, p. 285-86), exemplificada em (3a), e as relativas com antecedente, exemplificadas em (3b-c).

- (3) a quem não, não estudou não aprendeu. (CV95:As Mornas)
b nós saímos da cidade de Saurimo, que é uma cidade pequenina, mas onde existem, neste momento, vinte ou trinta mil desem[...], eh, desempregados, (Ang97: Guerra e Ambiente)
c aqueles (homens) que trabalhavam efectivamente a terra não melhoraram a sua... forma de estar na vida, a sua qualidade de vida (PT97: Trabalho Posse Terra)

As relativas com antecedente, que são, portanto, constituídas de um nome nuclear e da oração relativa em si, podem, por sua vez, ser identificadas como restritivas e não-restritivas. Como uma oração restritiva, se houver uma relação semântica de modificador com o antecedente, conforme se vê em (3b), e como uma oração não-restritiva ou apositiva, se houver uma relação pragmática em que a oração do antecedente e a relativa representam cada qual um ato discursivo independente (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), conforme se vê em (3c).

A incidência de relativas com antecedente é majoritária na Amostra, registrando 89,4% (556/1070) de casos, restando para relativas livres um índice de apenas 10,6% (114/1070).

Vejam, agora, como é possível interpretar orações livres, restritivas e não-restritivas com o arcabouço formal da GDF. Vale a pena lembrar que cada nível de representação distinguido dentro desse arcabouço tem sua própria estruturação e o que os níveis têm em comum é uma organização em camadas hierarquicamente ordenadas. A representação máxima da estrutural geral de camadas dentro de cada nível é dada em (4):

$$(4) \quad (\pi v_1 [\text{head}(v_1)_\Phi] : [\sigma(v_1)_\Phi])_\Phi \text{ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.14)}$$

Nessa representação, v_1 representa a variável da camada relevante, que é restrita por um núcleo (possivelmente complexo) que toma a variável como seu argumento, e pode ser depois restringido por um modificador σ , que também toma a variável como seu argumento. A camada pode ser especificada por um operador π e exerce a função Φ . Uma oração relativa restritiva exerce a função de modificador de um núcleo nominal, que, na formalização em (4), está representada por $[\sigma(v_1)_\Phi]$.

As unidades semânticas introduzidas pela variável (x_i) designam indivíduos, ou seja, entidades concretas, tangíveis, do tipo reconhecido por Lyons (1977, p. 442) como entidades de primeira ordem (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 236-8). O núcleo de um Indivíduo pode ser classificado, na GDF, como ausente, vazio, lexical ou configuracional. Os tipos semânticos e pragmáticos de relativas acham-se fortemente correlacionados a esses tipos de núcleos.

Todos os tipos de unidades designadoras de indivíduos podem, em princípio, ser qualificados por modificadores no Nível Representacional, com exceção daqueles desprovidos de núcleo.

Modificadores podem tomar a forma de orações relativas restritivas finitas em (5a) ou de restritivas não-finitas em (6a). Em (5b) e (6b), acham-se representações Interpessoais (NI) e Representacionais (NR) adequadas para essas duas relações, duas análises possíveis para uma das orações justapostas de (6c).

$$(5) \quad \begin{array}{l} \text{a} \quad \text{o cidadão que gasta pneu} \\ \text{b} \quad \text{NI: } (R_i : [(T_i) [R_i(T_i) (R_j)] (R_i)]) \\ \quad \quad \text{NR: } (1x_i : [(f_i : \text{cidadão}_N (f_i)) (x_i)_\Phi] : (\text{pres } e_i : [(f_i : [\text{gastar}_V (f_j)) (x_i)_A (1x_j : (f_i : \text{pneu}_N (f_i)) \\ \quad \quad \quad (x_j))_U] (f_j)] (e_i)_\Phi) \end{array}$$

- (6) a o cidadão gastando pneu
 b NI: (R_i: [(T_i) [R_i(T_i) (R_i)] (R_i))
 NR: (1x_i: [(f_i: cidadão_N(f_i)(x_i)_Φ]: (sim e_i: [(f_j: [(f_k: gastar_V(f_k))(x_i)_A
 (1x_j: (f_i: pneu_N(f_i)(x_j))_U](f_j)] (e_i)_Φ]))
 c nesse interiorzão do Brasil por estradas maravilhosas, nenhum buraco, nada, tudo maravilhoso, de primeira, lá vai o cidadão gastando energia, gastando pneu, gastando tudo, para carregar trinta toneladas (Bra95:TremdeFerro)

Sobre os exemplos de modificação complexa contidos em (5) e (6), pode-se afirmar que, no Nível Morfossintático (NM), a designação de Sujeito ao argumento Ator de *gastar* e a ausência de operador de tempo absoluto são os fatores que determinam a forma *gastando*, no caso de (6c), apresentado em (6a) e representado em (6b). Já em (5a), o operador de tempo absoluto aciona a seleção do SV finito *gasta pneu* e, ao mesmo tempo, a introdução do pronome relativo (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 243).

Em ambos os casos de modificação, usa-se um estado de coisas em que uma categoria semântica Indivíduo (e) se acha envolvida, para atribuir uma descrição a seu referente. Uma questão relevante é a que envolve a natureza do núcleo de um modificador, que aqui pode ser um lexical ou configuracional.

Retomemos, em (7a-b), exemplos de relativa não-restritiva.

- (7) a a própria metrópole, que nos colonizou, tinha um índice de analfabetismo ainda substancialmente alto no século vinte em relação a outros países europeus. (Ang97:O Ensino em Angola)
 b e Camilo, segundo dizem, que andava sempre a pedir dinheiro emprestado, bateu à porta dessa referida quinta, a ver se era atendido. (PT97:AmoresCamilo)
 c ou seja, você, ah, que ficou pior primeiro da sua doença ao longo daqueles três anos por causa de não saber o que é que tinha e cada vez ficava mais nervoso (PT97:MalDesconhecido)

Como as restritivas examinadas, esse tipo tem como antecedente um Indivíduo (x), que tem uma identificação específica e definida pelos interlocutores. São, portanto, sintagmas referenciais definidos em (7a) e, mais especificamente, nomes próprios e pronomes dêiticos. O exemplo de (7b) é um nome próprio e o de (7c) é de um dêitico. A GDF postula que palavras dêiticas, tais como pronomes e nomes próprios, devem ser introduzidas no Nível Interpessoal, conforme a representação de um Subato Referencial para uma palavra como *Camilo* que se vê em (7d)

- (7) d (R_i: Camilo (R_i))

Como a unidade semântica correspondente a esse Subato não contém informação lexical, ele é desprovido de um núcleo no Nível Representacional. Mesmo assim, a unidade não pode ser simplesmente omitida por exercer uma função argumental no contexto semântico do predicado verbal. Observe a representação contida em (8)

- (8) a que andava sempre a pedir dinheiro emprestado, ta
 b NI: (A_i: [(F_i: DECL (F_i)) (P_i)_S (P_j)_A (C_i: [(T_i: - andava sempre a pedir dinheiro emprestado - (T_i)_{Foc}]] [(R_i: Camilo (R_i))] (C_i))] (A_i))
 NR: (pres e_i: [(f_j: [(f_j: - que andava sempre a pedir dinheiro emprestado - (f_j)) (1x_i)_A](f_i)) (e_i)_Φ])

A unidade sem núcleo ($1x_i$) no Nível Representacional, em que o operador ‘1’, significando ‘singular’, é relevante para as línguas que requerem concordância, como o português, corresponde ao Subato de Referência (R_i : Camilo (R_i)) no Nível Interpessoal. O tratamento que a GDF fornece a expressões dêiticas como *Camilo*, se explícitas ou realizadas por zero, é mediante um processo de coindexação no Nível Representacional. Em função desse comportamento, Núcleos Ausentes não admitem modificação, já que qualquer qualificação de um nome próprio como *Camilo* somente pode ser do tipo interpessoal, como em *pobre Camilo* (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); caso contrário, a qualificação é não-restritiva, conforme se vê em (8a).

Já Núcleos Vazios se referem a Indivíduos como *o amarelo* contendo um zero anafórico que se refere não a um item referencial, mas a um item semântico previamente mencionado; a relação que se estabelece aqui não é entre unidades referenciais, mas especificamente Propriedades (f_i), que aparecem no Nível Representacional.

Diferentemente de núcleos ausentes, núcleos vazios podem assumir modificadores simples como aparece em (9b), quanto modificadores complexos, como em (10a-b), em que (f_i) é coindexado com (f_i : carro_N: (f_i)) no estado de coisas precedente.

- (9) a Eu gostei do carro_i vermelho, mas Maria preferiu o \emptyset_i amarelo.
b NR: ($1x_i$: [(f_i) (x_i) _{\emptyset}]: [$(f_i$: amarelo_A (f_i)) (x_i) _{\emptyset}])

- (10) a Eu gostei do carro que você comprou, mas sua esposa prefere o que eu comprei
b NR: ($1x_i$: [(f_i) (x_i) _{\emptyset}]: [$(f_i$: - o que eu comprei_U(f_i)) (x_i) _{\emptyset}])

As orações relativas não-restritivas, como observadas por Dik (1997, p. 41-2) – segundo Hengeveld e Mackenzie (2008) –, admitem modificadores ilocucionários; dado que elas têm, caracteristicamente, um contorno de entonação independente, elas devem ser analisadas como Atos de Discurso em si próprios, o que explica por que elas podem aceitar adverbiais com a função de modificador de Ilocução tal como *francamente*:

- (11) a a ANI tem um contrato com a United Press International, que é uma grande agência americana e que tem os seus correspondentes em todos os pontos possíveis do mundo (PT73:Jornalismo)
b a ANI tem um contrato com a United Press International, que, francamente, é uma grande agência americana e que tem os seus correspondentes em todos os pontos possíveis do mundo

Conforme entendem Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 58), a função característica de uma relativa não-restritiva é a de fornecer informação de fundo, adicional, sobre o Indivíduo introduzido na oração principal. Essa informação é identificada com uma função retórica *Aside*. A introdução da variável (R) em (12) tem a função de representar a ideia de que os Conteúdos Comunicados de (A_1) e (A_2) contêm um Subato Referencial R evocando a mesma descrição de entidade no Nível Representacional, conforme já mencionado anteriormente.

- (12) [(A_1 : [...(R_1)...] (A_1)) (A_2 : [...(R_2)...] (A_2))_{Aside}]

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 49-50) consideram que, em casos de múltiplos Atos de Discurso dentro de um *Move*, a ordem linear dos Atos de Discurso reflete sua sucessão temporal. Múltiplos Atos de Discurso dentro do *Move* permitem possíveis sobreposições no Nível Morfossintático, de tal modo que a expressão de um Ato Discursivo, uma vez iniciada, pode ser interrompida pela expressão de outro Ato de Discurso, antes de ser

completada, como no caso de certas orações relativas não-restritivas encaixadas no centro da outra oração nuclear, conforme mostra o exemplo (13):

- (13) a a irmã Danuta, que é uma ma[...], uma, uma madre, que está também ligada dentro deste projecto, fez o, os primeiros socorros e, prontos, eh, passou aí a noite, no dia seguinte... (Ang97:Meninos da Rua)
 b a irmã Danuta, (início de A_i) que é uma ma[...], uma, uma madre, que está também ligada dentro deste projecto, (A_j fez o, os primeiros socorros (fim de A_j)).

A descrição do exemplo em (13) no Nível Interpessoal mostra os Atos de Discurso ordenados como (A_i) antes de (A_j), desde que (A_i) comece mais tarde. A correferência entre os Subatos Referenciais em (A_i) e em (A_j) provoca a formação e um posicionamento da oração relativa não-restritiva no Nível Morfossintático. A natureza descontínua do primeiro Ato de Referência deve-se ao fato de o falante preferir não contemplar o princípio da Iconicidade em proveito do interesse de dar maior grau de proeminência à informação de que a Irmã Danuta está ligada ao projeto mencionado no discurso corrente.

Já as relativas livres, ao contrário das restritivas e não-restritivas, não dispõem de um núcleo nominal explícito e, por isso, podem atuar como argumento da oração principal como as completivas. É justamente o caso de (3a), aqui repetido como (14a), em que a oração encabeçada pelo constituinte-Q atua como sujeito da principal, e o de (14b), em que a oração encabeçada pelo constituinte-Q atua como objeto da principal. Outras funções possíveis envolvem outros tipos de entidades além de indivíduos, como lugar, tempo, modo, razão e quantidade de que não trataremos por razões de espaço.

- (14) a quem não, não estudou não aprendeu. (CV95:As Mornas)
 b quando queremos fazer a justiça para com alguém que nos deve, ou para com alguém que n[...], ou que nos fez algum mal, eh, temos que medir bem o que nós queremos fazer (Ang97:Um Conto Tradicional)

O núcleo que identifica a relativa livre é do tipo configuracional, por justamente envolver o emprego de mais de um item lexical dentro da posição de núcleo. Observe, a esse propósito, a expressão *trem de ferro* em (15c), cujo núcleo é do tipo configuracional porque, sendo *trem* um nome relacional, o núcleo de (x_i) como um todo consiste numa Propriedade Configuracional com outra Propriedade Configuracional (x_j) como argumento na função de Referência.

- (15) a poema que tem por si só toda a sonoridade de um trem, de um trem de ferro (Bra95:Trem de Ferro)
 b NR: (x_i : [(f_i : [(f_j : trem (f_j)) (x_j : [(f_k : ferro_N (f_k)) (x_j)_Φ]]_{Ref}] (f_i)) (x_i)_Φ])
 c ‘trem de ferro’

Além desses casos em que nomes relacionais expressam uma Propriedade Configuracional, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 240), consideram outros tipos em que descrições verbais de estados de coisas atuam na caracterização de um Indivíduo. Esse é o caso da relativa sem núcleo, como em (14b), em que um indivíduo (x), atuando como complemento do predicado da matriz (medir) é também identificado mediante recurso a um Estado de Coisas representando que esse mesmo Indivíduo se acha envolvido, conforme a representação em (16).

- (16) a temos que medir bem [o que nós queremos fazer]_U
 NI: R A R
 b NR: (x_i: (e_i: [(f_i: [f_j: -querer-fazer_v (f_j) (x_j: -nós- (x_j)_A (x_i)_U] (f_i) (e_i)_φ]))

A codificação das relativas: representação morfossintática

Distribuição das estratégias na amostra

No estágio atual desta pesquisa, pretendemos refletir apenas sobre a distribuição das estratégias nas variedades lusófonas em relação aos dois tipos principais de relativas: as restritivas e as não-restritivas e sobre a aplicação da HA de Keenan e Comrie (1977). Além disso, pretendemos verificar se as estratégias se aplicam indiferentemente a esses dois tipos e se a Hierarquia de Acessibilidade tem algo a ver com a distribuição das estratégias nas variedades, disposta na tabela 1.

Tabela 1: Estratégias de relativização nas variedades lusófonas

	Copiadora		Padrão		Cortadora		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Moçambique	1	2,1	43	89,6	4	8,3	48	5,2
S.Tomé e Príncipe	2	4,2	45	93,8	1	2,1	48	5,2
Portugal	0	0,0	360	96,3	14	3,7	374	40,8
Angola	1	0,7	130	95,6	5	3,7	136	14,8
Brasil	0	0,0	184	88,0	25	12,0	209	22,8
Cabo Verde	0	0,0	49	100,0	0	0,0	49	5,3
Guiné Bissau	0	0,0	40	100,0	0	0,0	40	4,4
Timor Leste	0	0,0	12	100,0	0	0,0	12	1,3

Inicialmente, a incidência de relativas copiadoras na amostra é irrisória e extremamente significativa a da estratégia padrão, a que se incorporam aqui as de sujeito e de objeto direto. É curioso observar que em três variedades – Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor Leste – todos os casos encontrados são da estratégia padrão. As demais variedades incluem a estratégia cortadora, que ocorre com frequência mais significativa na variedade brasileira.

De qualquer modo, esses dados gerais mostram que a predominância da estratégia cortadora sobre a copiadora é socialmente motivada por ser a retenção pronominal fortemente estigmatizada. É em razão disso que os dados diacrônicos de Tarallo (1983) indicam claramente um grande avanço da estratégia cortadora no fim do século XIX, se consideradas todas as posições sintáticas, com um significativo recuo da estratégia copiadora.

Esse efeito social pode estar derivado do fato de que a maioria dos informantes da Amostra CLUL tem curso superior ou escolaridade de grau médio; há uns poucos analfabetos ou com escolaridade de até 4 anos. Essas motivações sociais estariam abrigadas no Componente Contextual da GDF.

Mas, para verificar se elas não teriam algum reflexo direto na codificação morfossintática, além de indicar alternâncias possíveis de natureza sociolinguística, é necessário examinar a distribuição das estratégias por posição relativizável na Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977), conforme exposto na tabela 2.

Tabela 2: Aplicação da HA às estratégias de relativização

	Copiadora		Padrão		Cortadora		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Sujeito	0	0,0	544	63,0	0	0,0	544	59,4
Objeto direto	1	25,0	213	24,7	0	0,0	214	23,3
Obliquo	3	75,0	103	11,9	49	80,4	155	17,0
Objeto indireto	0	0,0	1	0,1	0	0,0	1	0,1
Genitivo	0	0,0	2	0,2	0	0,0	2	0,2
Total	4	0,4	863	94,2	49	5,3	916	

As posições estatisticamente mais suscetíveis de relativização compõem uma hierarquia do seguinte formato: SU > OD > OBL > OI > GEN, o que dá um quadro extremamente comparável em frequência com a Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977). Uma razão para que OBL ultrapasse em frequência OI nos dados é a de que essa posição sintática compreende complementos verbais de verbos preposicionados e circunstanciais em geral, como tempo, lugar, instrumento, razão.

Os dados sugerem que as copiadoras e as cortadoras incidem predominantemente sobre a relativização dessa posição. De OI para baixo, pouca generalização é possível fazer, em função do grau reduzido de significação das frequências de uso, mas o fato de a relativa padrão incidir majoritariamente sobre as posições de SU e OD indicam uma distribuição funcional das estratégias nas variedades lusófonas: o emprego da estratégia de pronome relativo seleciona as posições de SU e OD, enquanto o uso da copiadora e da cortadora seleciona a posição de OBL.

A estratégia copiadora é mais eficaz que a de pronome relativo por licenciar um conjunto muito maior de posições relativizadas da Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977), mas os resultados não permitem generalizações precisas a esse respeito devido à rarefação de dados especialmente nas posições mais baixas da HA a partir de OI.

A distribuição das estratégias mostra que as variedades lusófonas dispõem em geral de mais de uma. Por isso, é relevante mostrar que tipo de codificação elas podem receber no nível morfossintático e se essa codificação tem algum tipo de motivação interpessoal ou representacional. Essa tarefa será desenvolvida na próxima seção.

A codificação morfossintática das estratégias

Uma análise funcional, com base em Dik (1997) já foi fornecida por Bastos (2008), que atribui ao pronome relativo função de Tema, conforme a estrutura Tema, Predicação, Coda (*Tail*), formulada por Dik (1997). Como a GDF propõe uma reinterpretação da noção de Tema, como Ato Discursivo de Orientação, pretendemos apenas aproveitar a ideia de Kato (1996) e de Bastos (2008) para fornecer uma hipótese explanatória alternativa, mais do que uma simples variação sobre o mesmo tema. Considerem-se construções simples e complexas de tópico em (17a) e (17b), respectivamente, na interpretação de Kato (1996):

- (17) a As cadeiras optativas_{TOP} cê precisa ter um conhecimento bom primeiro. (PONTES, 1987, p. 13)
- b [_{TOP}As cadeiras optativas_i [_{CP} que_i [_{LD} t_i]] [_{IP} cê precisa ter um conhecimento sobre elas/Ø_i bom primeiro... (KATO, 1996, p. 230)

A posição pré-oracional (P^{PRE}) codifica o Ato subsidiário de Orientação *As cadeiras optativas*, definido como tal no Nível Interpessoal, e a posição central (P^{CENTRE}) um Ato Discursivo Nuclear, codificado pela posição central da Expressão Linguística (P^{CENTRE}), que constitui a Oração propriamente dita; no interior dela, *cê* ocupa a posição inicial (P^I), *ter* a posição medial (P^M), e *um conhecimento bom delas/Ø*, a posição final (P^F).

Na esteira da interpretação de Hengeveld e Mackenzie (2008, p.57), é possível postular que, nas variedades do português, a interpretação de (19) pode ser entendida da perspectiva do processamento *on-line* da linguagem. Ao produzir um Ato Discursivo de Orientação, o Falante dá a si próprio um tempo para formular e codificar o Ato Nuclear seguinte.

A GDF não autoriza, no entanto, o paralelismo estrutural entre essa construção simples e a construção complexa com relativa, tal como foi sugerido por Kato (1996), simplesmente porque a GDF não fornece explicações meramente formais mesmo para construções similares, mas explicações de natureza pragmática e semântica. Nesse caso, a estrutura de construções restritivas é morfossintaticamente idêntica à de orações não-restritivas. Considere, nos exemplos contidos em (21a-b), a interpretação possível de relativa restritiva e de relativa não-restritiva que pode ser atribuída à mesma oração.

- (21) a O jogo que começou às 4:00 da tarde terminou num empate.
b O jogo, que começou às 4:00 da tarde, terminou num empate

Recorde que uma relativa não-restritiva, como em (21b), revoga o princípio de iconicidade em favor de dar maior grau de proeminência à informação de que o resultado do jogo é mais importante que o momento de início. Como a informação enviada para o Nível Fonológico é a de um *Move* consistindo de dois Atos Discursivos, o ato que trata do momento do início do jogo é subsidiário ao do resultado, mas, mesmo assim, o interrompe na linearização. O Nível Fonológico tratará essa interrupção como uma instrução para dar um contorno entonacional a cada segmento do *Move*, produzindo três sintagmas entonacionais, dois com um contorno não-final e um com um contorno final. Fica para o Nível Morfossintático a tarefa de integrar os dois Atos Discursivos sintaticamente, o que é realizado mediante a aplicação de um molde geral para orações relativas, como aparece em (22).

- (22) (Cl_i : [(Np_i : (Gw_i) (Nw_i)) (Cl_j : [(Gw_j) (Vp_j) (Adp_j)] (Cl_j))] (Np_i)) (Vp_j) (Adp_k)] (Cl_i))

Essa estrutura é também requerida para orações relativas restritivas, como a que aparece em (21a), que são morfossintaticamente idênticas a relativas não-restritivas. A diferença, no entanto, é que [*que começou às 4:00 da tarde*] em (21a) integra o mesmo contorno entonacional do material circundante [*O jogo (...). terminou num empate*]. O Nível Morfossintático tem, assim, o papel de atribuir a mesma estrutura de (22) a ambos os tipos de orações relativas e o Nível Fonológico tem o papel de assegurar que o estatuto subsidiário do Ato Discursivo encaixado na não-restritiva de (21b) esteja refletido na prosódia. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 284-5).

O que as difere e lhes imprime as diferenças oriundas do Nível Interpessoal é que a restritiva tomará a forma do mesmo contorno entonacional da oração principal de que é parte integrante, enquanto a não-restritiva terá o estatuto de Ato subsidiário (*Aside*) refletido na prosódia e fornecido, portanto, pelo Nível Fonológico.

Considere, agora, uma construção com uma relativa restritiva, como a contida em (23), cuja estrutura é uma estratégia não-padrão, seja com a alternativa copiadora com o pronome *dela*, seja com a alternativa cortadora com anáfora zero.

(23) A mulher_i que o irmão dela/ \emptyset_i mora na esquina trabalha na padaria.

Interpretando a construção (23) com base no Nível Interpessoal, trata-se aqui, agora, de um *Move* constituído por um único Ato Discursivo, não dois, diferentemente de (24), uma reconstrução de (17b), que contém um *Move* constituído por dois Atos Discursivos, cada qual com seu próprio contorno entonacional no Nível Fonológico.

(24) As cadeiras optativas_i, que cê precisa ter um conhecimento sobre elas/ \emptyset_i bom primeiro, são importantes para o currículo.

Na concepção funcional-cognitiva de Cristófaró (2003), a relativa de (24) não resiste à negação, à interrogação e a *question-tag*, justamente porque o conteúdo da subordinada é pressuposto e não-afirmado. A diferença entre (23) e (24) não está na sintaxe, como sugere a interpretação funcionalista de Bastos (2008), está nas escolhas no Nível Interpessoal.

O único paralelismo, portanto, que se pode detectar entre uma construção complexa como a de (23) e a de (24) é o de que o uso da estratégia cortadora e da estratégia copiadora maximiza a relação de transparência entre forma e função e, por conseguinte, contribui para facilitar a interpretação da estrutura linguística, codificada no Nível Morfosintático. Internamente, a estrutura da relativa teria também o mesmo padrão de ordenação, conforme se vê em (25).

(25) a que o irmão dela/ \emptyset_i mora na esquina.
 b que cê precisa ter um conhecimento delas/ \emptyset_i
 P^I P^{M-1} P^M P^{M+1} P^F

Há uma diferença, porém, entre (23) e (24). Recorde que a segunda é constituída de dois atos discursivos, cada qual com sua própria ilocução; já a primeira é constituída por um único ato discursivo. Nesse caso, o conjunto formado pelo sujeito da oração principal e pelo modificador, constituído pela oração restritiva, funciona igualmente como constituinte alocado em posição pré-medial, conforme (26a-b), e é codificado no Nível Fonológico pelo contorno entonacional, que inclui a oração principal.

(26) a [A mulher que o irmão dela mora na esquina] [trabalha] [na padaria]
 b [P^{M-1}] [P^M] [P^F]

Palavras finais

Vimos que a construção de uma oração relativa na Amostra envolve três aspectos relevantes: (a) a seleção do conectivo, (b) o emprego de preposições nos casos em que elas são requeridas, (c) a marcação adicional de caso semântico.

Quanto ao tipo de conectivo, uma relativa pode implicar a escolha de um pronome relativo, que já estabelece, simultaneamente, a função sintática e semântica do constituinte na oração relativa, retomando anaforicamente o constituinte antecedente contido na oração

principal. Pode, por outro lado, implicar a escolha de um marcador de relativização, caso em que uma posição após o verbo, ocupada por um SP ou por zero, é que estabelece a relação anafórica com o antecedente que permite uma relação mínima de coerência semântica.

Quanto ao uso de preposições, elas podem ser requeridas em funções sintáticas de dativo e de oblíquos em geral, tornando visível, simultaneamente, a marcação dessas funções sintáticas e respectivas funções semânticas em posição pré-verbal. Esse caso identifica a variedade padrão ou estratégia de pronome relativo. Alternativamente, as preposições podem ser apagadas com a inserção simultânea de um Complementizador e copiadas ou não na posição canônica logo após o predicado, identificando, no primeiro caso, uma alternativa copiadora e, no segundo caso, uma alternativa cortadora da estratégia de retenção pronominal.

Em relação à estratégia de pronome relativo, a estratégia copiadora se mostra mais eficaz, nas línguas que as contêm, em virtude de licenciarem um conjunto muito maior de posições relativizadas da Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977). Essa generalização, conquanto verdadeira, não se aplica às variedades lusófonas, que já dispõem de relativas em todas as posições relativizáveis da hierarquia acima de oblíquo, independentemente do tipo de estratégia empregada.

Se confirmado o papel cognitivo da estratégia copiadora para a facilidade de processamento, esse papel indicaria, em termos da GDF, a existência de um forte comprometimento do Componente Gramatical com o Componente Conceitual. O que pode, entretanto, refrear a atuação desse papel cognitivo é uma motivação externa que vem tomando paulatinamente obsoleto o uso da estratégia copiadora em razão de estigmatização social. A atuação desse fator representa outra relação de comprometimento do Componente Gramatical, que se estabelece, nesse caso, com o Componente Contextual.

Assim, o forte sentimento de estigmatização social que o uso da estratégia cortadora provoca no falante das variedades lusófonas, em geral com escolaridade média e superior, é condição muito mais relevante que a facilidade de informação, o que explicaria a alta frequência da estratégia cortadora em todas as variedades em detrimento da estratégia copiadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, W.A. *Relativização no Português do Brasil: a sentença orientada para o discurso*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Blackwell, 1989.
- CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford: University Press, 2003.
- DIK, S.C. *The theory of functional grammar*. Part I: The structure of the clause. (2nd revised edition). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DE VRIES, M. *The syntax of relativization*. Utrecht: Lot, 2002.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J.L. *Functional Discourse Grammar*. A typologically-based theory of language structure. Oxford: University Press, 2008.

KATO, M. A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (Orgs.) *Português brasileiro, uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 223-261.

KEENAN, E.L. Relative clauses. In: SHOPEN T. (Ed.) *Language typology and syntactic description*, v. 2: Complex constructions. Cambridge: University Press, 1985. p. 141-70.

_____; COMRIE, B. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry*, v. 8, p. 63-99, 1977.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Caminho, 1989.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

TARALLO, F. L. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Thesis. (PhD Dissertation in Linguistics). University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.